

# Boletim Internacional



Ano VI nº 07 08.03.2006

## Preso presidente da KMWF

A FITIM está pedindo a todas as suas entidades afiliadas que protestem contra a prisão do companheiro Jeon Jae Hwan, presidente da Federação Coreana de Trabalhadores Metalúrgicos (KMWF).

O companheiro Jeon Jae Hwan, presidente da Federação Coreana de Trabalhadores Metalúrgicos (KMWF) foi preso pela polícia em 25 de fevereiro último num posto de pedágio em Inchon, onde ele reside. Ele ficou primeiramente detido numa delegacia local de polícia e depois foi transferido para a Casa de Detenção de Youngdeungro em Seul onde atualmente ele aguarda julgamento.

Protesto contra a lei sobre os trabalhadores informais, fevereiro de 2006

Jeon foi preso sob a acusação de ter infringido a lei de reuniões públicas por sua participação em passeata em 17-18 de Dezembro passado. A manifestação foi em protesto contra uma proposta de Lei sobre os Trabalhadores Informais, que os sindicatos consideram que vai aumentar o número de trabalhadores pobres e aprofundar a brecha entre ricos e pobres.

Jeon foi durante seis meses presidente da KCTU, a Confederação Coreana de Sindicatos e em abril do ano passado foi eleito para a presidência da KMWF.

A prisão de Jeon foi considerada um ataque à KMWF já que foi feita depois dos planos do partido governamental de fazer a provar a Lei sobre os Trabalhadores Informais.

A FITIM escreveu para Roh Moo-hyan, presidente da Coreia do Sul, protestando energicamente contra a prisão e exigindo sua soltura imediata. Ela pede aos sindicatos afiliados que escrevam cartas semelhantes. A carta enviada pela FITIM, que pode servir de modelo, está em inglês no endereço [http://www.imfmetal.org/main/files/06030617583566/Protest\\_ltr\\_Korea.pdf](http://www.imfmetal.org/main/files/06030617583566/Protest_ltr_Korea.pdf)



## Daimler investe 200 milhões de euros em SP

A Daimler Chrysler deve receber um aumento de 12% em seus investimentos, com relação ao último triênio, na unidade de São Bernardo do Campo (São Paulo) a partir de 2006. A Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT (CNM/CUT) anunciou na última quinta-feira a entrada de 200 milhões de euros - cerca de R\$ 520 milhões - destinados à empresa no ABC Paulista, além de 19 bilhões de euros para todo o grupo e 3,8 bilhões de euros para veículos comerciais à produção mundial. Os dados foram divulgados em fevereiro no comitê mundial da Daimler na Alemanha.

Com os investimentos, cerca de 680 trabalhadores, com contrato de trabalho determinado em São Bernardo, deverão ser efetivados. Para a unidade em Juiz de Fora, Minas Gerais, a empresa deve decidir em março um novo produto para a fábrica. Além disso, o sindicato local tem um acordo que garante os empregos até fevereiro de 2007.

Em quarto lugar no ranking dos países com maior investimento pela empresa, o Brasil fica atrás da Alemanha, Estados Unidos e Japão. De 2002 a 2005, o valor superou 181 milhões de euros.

### Saúde

Depois de oito meses de negociação, o comitê mundial dos trabalhadores da Daimler e a FITIM devem assinar um acordo mundial de saúde e segurança do trabalhador em todas as unidades da empresa no primeiro semestre deste ano. 'O importante é garantir o compromisso da empresa em nível mundial, com todos os investimentos necessários. Os fornecedores e terceiros terão que seguir os mesmos princípios', afirma o secretário de organização da Confederação, Valter Sanches.

### Reestruturação

A Daimler Chrysler mundial divulga, no dia 26 de abril, os detalhes da reestruturação da empresa anunciados em janeiro, com o número total de demissões nos setores geral e administrativo de suas unidades.

Das seis mil demissões previstas, entre 1500 a 2000 são supervisores, gerentes e diretores. 'A Daimler quer diminuir de treze para nove os membros da direção da empresa, pois a administração sempre ficava de fora deste processo. É um corte profundo, no entanto o Brasil continua respondendo pela mesma divisão', afirma Sanches. O corte de seis mil metalúrgicos faz parte de um pacote de demissões divulgado em dezembro de 2005, quando foi anunciada a demissão de 8500 pessoas. No total, 14500 trabalhadores.

De acordo com a CNM/CUT, o comitê mundial dos trabalhadores da Daimler declarou que só aceita negociar qualquer redução de postos de trabalho administrativos, caso a empresa comprove que é necessário e, mesmo assim, de forma voluntária. A entidade reivindica que não haja precarização no emprego remanescente.

Na Alemanha, nenhum acordo foi feito entre a empresa e os sindicatos locais. 'De certa forma, estes companheiros estão bem mais protegidos que nós no Brasil, pois há o acordo de garantia no emprego até 2011 para todos os postos de trabalho. No entanto, as demissões devem ser feitas por um programa de demissão voluntária (PDV)', diz Sanches. As demissões devem acontecer até 2008 e, no momento, já há cinco mil adesões ao processo. (*Assessoria de Imprensa da CNM/CUT, 02.03.2006*)

### Declaração sobre a redução de pessoal administrativo em geral de forma socialmente aceitável a nível mundial

O Comitê Mundial dos Trabalhadores reivindica que a direção da DaimlerChrysler só implemente a planejada redução de postos de trabalho administrativos em geral a nível mundial, caso comprove que é justificada e, mesmo assim, apenas de forma socialmente aceitável, o que exclui qualquer demissão involuntária.

Nós esperamos que a direção da empresa utilize todos os meios aceitáveis disponíveis para assegurar a continuidade do emprego direto na DaimlerChrysler.

### Stuttgart, 22 de Fevereiro de 2006

Erich Klemm <b>Presidente</b> Alemanha	Nate Gooden (ausente) <b>Vice-Presidente</b> EUA
Valter Sanches Brasil	Jerry Dias Canadá
Tomás Gallardo Garrido Espanha	Patrick Bazi África do Sul
Yasuo Ohizumi Japão	David McAllister (ausente) EUA
Helmut Lense Alemanha	Udo Richter Alemanha
Gerd Rheude Alemanha	Wolf-Jürgen Röder Alemanha
Thomas Klebe Alemanha	Stefan Schwaab Alemanha

# A luta pelo poder na Volkswagen

Decisão de demitir 20.000 trabalhadores aumenta a luta pelo poder na Volkswagen

Cresce a tensão entre o presidente e o principal executivo da maior fabricante de automóveis da Europa, que enfrenta dificuldades

É a guerra no topo da Volkswagen. Um importante acionista a descreve como "defenestração" e outro como "tomar o controle da VW sem pagar um prêmio". Esta semana, Ferdinand Piëch, o presidente do conselho supervisor da Volkswagen, disse que o futuro de seu executivo-chefe, Bernd Pischetsrieder, é "uma questão em aberto" e que a metade dos diretores -- todos do lado laboral -- está contra ele.

Suas palavras provocaram ansiedade em toda a companhia e entre seus investidores. Piëch também disse que apóia Pischetsrieder como principal executivo. Mas muitos diretores graduados e investidores têm suas dúvidas. A disputa ocorre num momento crítico para a VW e salienta a complexa estrutura da companhia, com sua interação única de política, trabalho e negócios.

Pischetsrieder está tentando forçar o corte de até 20 mil empregos e uma volta à semana de trabalho de 35 horas, contra as atuais 28. Seus aliados dizem que ele está corrigindo os erros de seu antecessor -- Piëch.

Uma pessoa próxima ao Estado alemão da Baixa Saxônia, um dos principais acionistas da VW, disse no mês passado: "Christian Wulff [o primeiro-ministro estadual] acredita que quase todos os problemas da VW podem ser atribuídos a Piëch e a sua falta de ação quando era o principal executivo".

Mas Piëch, que está sob fogo pesado dos investidores por causa de suas estreitas ligações com a Porsche, a maior acionista da VW desde outubro, vê as coisas de modo diferente. "Ele acredita que Pischetsrieder não tem estratégia para o futuro", diz uma pessoa que conhece seu pensamento. "Livrar-se de 20 mil trabalhadores não vai fazer da empresa um sucesso."

Piëch foi responsável por salvar a VW da falência na década de 90, em grande parte por aprofundar as relações de trabalho consensuais e reduzir o tempo de trabalho para salvar empregos. Mas agora a VW enfrenta 30% de capacidade ociosa na Alemanha, tem os salários mais altos do setor e a menor produtividade da Europa.

"Piëch teria de cortar 20 mil pessoas se estivesse no comando -- qualquer um faria isso", disse um dos dez maiores acionistas. "Ele está usando os sindicatos para seus próprios fins."

Piëch goza de boas relações com os dez diretores laborais não-executivos da VW depois que apoiou seu candidato para ser chefe de pessoal, no final do ano passado. Mas muitos vêem sua última intervenção como uma tentativa de culpar os sindicatos, e não a si mesmo, por livrar-se de Pischetsrieder.

Esse tipo de tática deu certo para Piëch no passado, quando ele obrigou Franz-Josef Paefgen a renunciar da chefia da Audi, a divisão de carros de luxo da VW, depois de criticá-lo apesar dos bons resultados.

Pessoas próximas a Piëch dizem que ele ficou indignado com a decisão de Pischetsrieder de tirar dos EUA o salão executivo Phaeton, criado por Piëch mas considerado um desastre pela maioria dos analistas. "Piëch está demonstrando o fato de que tem o controle total da Volkswagen -- ele controla a administração e os conselhos supervisores", disse um diretor da VW.

Isso leva alguns acionistas a acreditar que, por meio de sua grande participação na Porsche, que por sua vez detém 18,5% da VW, agora ele oficialmente controla o grupo. Pischetsrieder disse ao Financial Times na quarta-feira: "Isso não vai me impedir de fazer o que é necessário". Mas ele ecoou comentários de Piëch quando acrescentou: "Eu também não conheço nenhuma companhia cujo executivo-chefe pode ir contra a vontade de dez representantes laborais".

Aliados dizem que ele está decidido a ficar e considera os comentários de Piëch como um jogo. Eles também acreditam que nem todos os representantes laborais estão contra ele. Mas sua relutância em demitir-se apesar de ser criticado por seu presidente revela fraqueza, segundo algumas pessoas.

"Eu teria dito até logo e me demitido imediatamente. Pischetsrieder é muito fraco", disse ao FT o executivo-chefe de um dos grupos industriais Dax-30 depois que Piëch impôs seu chefe de pessoal contra a vontade de Pischetsrieder.

A posição de Pischetsrieder é delicada. Sua decisão de forçar um corte de 20 mil empregos e o fechamento ou venda de algumas operações de peças o expôs a duras críticas dos sindicatos. Seus dois maiores acionistas, a Porsche e a Baixa Saxônia, se recusam a endossá-lo em público, embora em particular estejam lhe dando apoio. (Richard Milne) (Tradução: Luiz Roberto Mendes Gonçalves para UOL Midia Global) (*Financial Times*, 03.03.2006)

# Esquerda, volver

José Dirceu

Ex-chefe da Casa Civil

É sintomático que a mídia, recentemente, tenha levantado o debate sobre a chance de retorno da direita no Brasil. Lógico, uma nova direita, democrática, e, pasmem, defensora não apenas dos direitos humanos e da democracia, mas reformadora - mesmo que seja para efeitos eleitorais -, que quer mudanças na tão sagrada taxa de juros, já que, segundo essa nova direita, não é democrático mantê-la acima dos 10%.

Seria cômico, se não fosse trágico, essa nova pantomima que tentam nos impingir em tempos bicudos, onde eternos corruptos, conhecidos da sociedade e da mídia, são arautos da ética e da moralidade pública.

O discurso é o de sempre. A esquerda não tem compromisso com a democracia, quer o poder para acabar com ela, e, além do mais, agora é corrupta, ou seja, subversão e corrupção - lembrem-se do golpe de 64 - são o DNA da esquerda no Brasil. Ela é intolerante e patrulha toda a manifestação da direita, ou os que a ela se opõem.

Essa esquerda, insistem os arautos da nova direita, é mantida no meio cultural por recursos públicos da Petrobras (esse monopólio que não deixa o Brasil se desenvolver), domina a mídia, a universidade, o cinema e a cultura. E, na verdade, precisa ser eliminada, como afirmou um dos porta-vozes da nova direita. Não se trata de um deslize de linguagem. Quem o conhece sabe que manifestou uma solução de preferência, já que, para este porta-voz, a esquerda propaga uma doutrina totalitária, comunista e fascista.

Ora, ora, senhores e senhoras, a direita domina e governa este país já faz muito tempo; no passado, na base do pau de arara e do garrote e, no presente, da defesa das forças de mercado, do capital financeiro e do escárnio das políticas sociais e distributivistas, empurradas para a vala comum do que chamam de populismo. Pregar o contrário seria subestimar a inteligência nacional. Democracia mesmo, no país - e, mesmo assim, sem direito de greve, sem liberdade para os comunistas e outras ""cositas mas"" -, só entre 46 e 64 e de 85 até hoje. Nas duas ocasiões, uma conquista do povo e da esquerda, e que custou muito sangue, suor e lágrimas. Ao povo, na redemocratização do país, se somaram os arrependidos, os apoiadores do golpe de 64 que tiveram seus interesses contrariados.

Até 1930, vivíamos no império dos coronéis, das eleições no bico de pena e nos eternos estados de sítio, já que nossa juventude militar e civil vivia em armas contra as oligarquias da República Velha. Ou os senhores e senhoras já se esqueceram que seus avôs e avós eram guerrilheiros, revoltosos, como se falava. Hoje, seriam terroristas, na boca desses novos arautos da direita de sempre.

Mas o que esse movimento tenta, na verdade, é levar o macartismo, que domina nossa cena política, para a cultura e a universidade. Na prática, a nova direita está se comportando como sempre acusou a esquerda que ela sataniza de se comportar - quer eliminá-la de toda a sociedade, e não apenas da política; quer silenciá-la, acuá-la ou cooptá-la. Esta é a verdade nua e crua.

E o verdadeiro motivo dessa nova histeria da nossa tão pura e limpa direita democrática é o avanço da esquerda na América Latina, depois de 25 anos de governos conservadores, de ditaduras sangrentas e corruptas, defensoras, por coincidência, do mesmo discurso dessa nossa nova direita. E, também, submetidas aos mesmos senhores: o mercado, o livre comércio (que a direita não pratica) e a democracia liberal (que liquida quando seus interesses não são atendidos). Daí o ódio a Lula, Chávez e Evo Morales; daí as tentativas de caricaturá-los, principalmente a Chávez e, de tempo em tempo, a Kirchner.

No Brasil, a nova (?) direita está aí, ávida pela volta ao governo, porque o poder ela já tem. Para tanto, faz tudo e de tudo, finge que é honesta, democrática e controla-se para não se trair, como na iniciativa, abafada, de tentar derrubar o atual governo. Agora, insistem vozes da nossa tão culta classe média conservadora, a direita precisa ter uma chance de governar o Brasil. Durma-se com um barulho desses, ou das balas perdidas de nossas grandes cidades, retrato da herança que os séculos de domínio da elite e da direita deixaram para que nós jamais nos esqueçamos de que precisamos de esquerda, volver. (*Jornal do Brasil*, 03.03.2006)

## Confederazione Generale Italiana del Lavoro

Participando do 15º Congresso da CGIL (Confederazione Generale Italiana del Lavoro), que acontece de 1º a 4 de março na cidade de Rimini, o presidente nacional da CUT, João Felício, faz um “balanço muito positivo” do encontro, que reúne cerca de 1.500 delegados. “A decisão é ampliar a mobilização pela paz, contra a agressão ao Iraque e os direitos sociais, convocando os trabalhadores para uma ação mais ativa contra o governo de Silvio Berlusconi, o fascismo e a direita neoliberal”, declarou o líder cutista. Felício ressaltou “a grande receptividade e o enorme respeito demonstrados pela CUT”, a identidade com o projeto democrático-popular, de integração, “e a torcida generalizada para que o presidente Lula seja reeleito”.

Com 100 anos de existência, a CGIL é uma entidade com vínculos históricos com a CUT. Qual a sua avaliação sobre seu 15º Congresso?

Faço um balanço muito positivo sobre a qualidade dos debates sobre o mundo do trabalho e as alternativas propostas para que a Itália retome o caminho do crescimento e da geração de empregos, com a valorização do papel do Estado. A economia do país está completamente estagnada. No ano passado, registrou um ‘crescimento’ próximo de zero.

Apesar dos graves problemas internos, o governo de Silvio Berlusconi apoiou política, econômica e militarmente a invasão ao Iraque, onde mantém suas tropas...

A CGIL repudia a presença das tropas de ocupação no Iraque, condena a agressão unilateral e exige o retorno imediato das tropas italianas que estão sob tutela, hegemonia e controle dos norte-americanos.

**As mobilizações vão continuar...**

Mais do que isso, a decisão é ampliar a mobilização pela paz e os direitos sociais, convocando os trabalhadores para uma ação mais ativa contra o governo de Silvio Berlusconi, o fascismo e a direita neoliberal. Há uma compreensão da necessidade de apoio ao Partido da Esquerda Democrática, de que é preciso construir um novo projeto que respeite os direitos sociais, a distribuição de renda e os aposentados.

A presença de expressivas lideranças sindicais do mundo todo é o reconhecimento ao papel que a CGIL vem desempenhado nesta luta pela soberania e auto-determinação dos povos entre os trabalhadores europeus?

Claramente. Entre outros, estão presentes ao evento o secretário-geral da Confederação Internacional das Organizações Sociais Livres (CISL), Guy Ryder; o secretário-geral da Confederação Européia de Sindicatos, John Moncjs; o secretário-adjunto da Confederação Mundial do Trabalho, Eduardo Esteves; e os dois secretários gerais das outras duas centrais italianas, a UIL e a CISL, Luigi Angeletti e Savino Pezzotta. A presença destas lideranças também está permitindo aprofundar o debate sobre a construção da nova central sindical mundial, que deve ser o mais ampla possível, sem qualquer discriminação.

**Como os europeus estão vendo a CUT e o Brasil?**

Os sindicalistas europeus e, particularmente os italianos, demonstram uma grande receptividade e um enorme respeito pela CUT. Há uma torcida generalizada para que o presidente Lula seja reeleito. Eles compreendem que uma vitória de Lula representaria a consolidação do projeto democrático e popular e fortaleceria esse esforço de integração tão importante para um desenvolvimento soberano. (Leonardo Severo) (*Agência CUT de Notícias, 02.03.2006*)

CNM Internacional é o boletim informativo da Confederação Nacional dos Metalúrgicos – CNM-CUT

Secretário Geral da CNM : Fernando Lopes

[internacional@cnmcut.org](mailto:internacional@cnmcut.org)

<http://www.cnmcut.org.br>